

edições
GLS

Romance

Horas vagas

MÁRCIO EL-JAICK

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

E39h

El-Jaick, Márcio

Horas vagas [recurso eletrônico] / Márcio El-Jaick. - São Paulo : GLS, 2020
recurso digital

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-86755-87-3 (recurso eletrônico)

1. Romance brasileiro. 2. Livros eletrônicos. I. Título.

20-62650

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644



Compre em lugar de fotocopiar.
Cada real que você dá por um livro recompensa seus autores
e os convida a produzir mais sobre o tema;
incentiva seus editores a encomendar, traduzir e publicar
outras obras sobre o assunto;
e paga aos livreiros por estocar e levar até você livros
para a sua informação e o seu entretenimento.
Cada real que você dá pela fotocópia não autorizada de um livro
financia o crime
e ajuda a matar a produção intelectual de seu país.

HORAS VAGAS

Copyright © 2020 by Márcio El-Jaick

Direitos desta edição reservados por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**

Assistente editorial: **Michelle Neris**

Projeto gráfico: **Origem Design**

Diagramação e produção de ePub: **Santana**

Edições GLS

Departamento editorial

Rua Itapicuru, 613 – 7º andar

05006-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 3872-3322

Fax: (11) 3872-7476

<http://www.edgls.com.br>

e-mail: gls@edgls.com.br

Atendimento ao consumidor

Summus Editorial

Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado

Fone: (11) 3873-8638

Fax: (11) 3872-7476

e-mail: vendas@summus.com.br

*Para R, amigo-gigante,
inspiração-pontapé deste livro.*

| SUMÁRIO

CAPA

FICHA CATALOGRÁFICA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

DEDICATÓRIA

I | **TEATRO**

II | **CINEMA**

III | **TRILHA**

I | TEATRO

PRIMEIRO ATO

ERAM TUDO TREVAS e solidão e louça pra lavar, lágrimas contidas, lágrimas derramadas, ressacas com Cefaliv e dieta controlada, era sempre a dança melancólica do tédio, lâmpadas de 60 W, fm light e limite nas expectativas, limite de crédito, limite de velocidade, sexo insatisfatório, celular sem bateria, creme pra celulite, um martíni, um martírio, furo na meia-calça, remorsos processados, olhos fixos no despenhadeiro, saltos altos desconfortáveis, salada verde e pouco molho, pouco tempo, tempo de sobra, era sempre isso tudo, nada, não era nada disso, riu ela de frente para o espelho do elevador, depois de fitá-lo com sua melhor expressão trágica.

Nem que eu quisesse, pensou buscando no rosto algum sinal de tristeza ou mesmo da idade quando só havia os sintomas do pileque, as pálpebras talvez um pouco baixas, o cabelo ligeiramente bagunçado que ela jogou para trás num gesto havia muitos anos repetido, o gesto que depois de tanto ensaio vira hábito, a sedução estudada que se enraíza. Analisou a imagem atenciosamente, sem o orgulho que sempre desprezou, mas, apesar de si mesma, gostando. Esse vermelho me cai bem, pensou como se chegasse ao resultado de uma conta improvável. Encostou-se na lateral do elevador antigo, uma eternidade até o décimo oitavo, correu o indicador pelo colar de pérolas, inclinando de leve a cabeça como se quem trançasse o dedo em seu colo não fosse ela própria, arriscou mais uma vez aquela expressão trágica, sem efeito, consumida pelo que funcionava: a cor das unhas, a bolsa da qual só faltava pagar a última parcela, o cabelo vermelho cuja raiz, ela agora notava, já mostrava o castanho. Preciso retocar, decidiu quando a porta se abria.

Avançou segura pelo corredor, equilibrando-se sem esforço nos escarpins domesticados, às vezes apoiando-se na parede à guisa de charme ou quem sabe ainda na busca inútil de tragicidade, de primeira enfiou a chave no buraco da fechadura e abriu a porta do apartamento com algum cuidado, a hora avançada, fim de domingo, na verdade nem isso, o domingo já morto, mas havia luz na sala, o brilho da televisão.

— Sérgio — chamou num murmúrio, sem querer acordá-lo caso ele

estivesse dormindo.

— Oi, minha florzinha de lótus — respondeu ele, quase a assustando, sentado no chão, junto à parede, de frente para a televisão, mas longe dela.

O som que tomava conta da sala, Joyce agora percebia, não vinha da televisão, mas da caixa do iPod, algum tipo de hip-hop. Ela fez uma careta.

— O que houve com Chet Baker?

— Aposentado.

Sérgio ergueu a garrafa de vinho que se achava a seu lado, junto à taça.

— Vai?

— Obrigada, amor — respondeu ela, largando-se no sofá. — Já bebi mais do que merecia.

Joyce voltou os olhos para a televisão sem som, um programa de competição de culinária.

— É o que sobrou pra hoje? — Encarou Sérgio, que mantinha os olhos fixos na tela. — Ou você está precisando abrir o apetite?

— O controle ficou longe — justificou-se ele, apontando vagamente para o controle remoto, sobre a mesinha de centro.

O limite da indolência.

Ela continuava o encarando.

— Você não saiu?

— Não. — Sérgio tomou um gole do vinho e despregou os olhos da tela, pela primeira vez parecendo notar a presença de Joyce. — E você, como foi a noite?

Ela pegou a carteira de cigarros e procurou ali o pequeno baseado que fumara pela metade mais cedo. Acendeu-o olhando para ele.

— Conheci o homem da minha vida.

— De novo?

Ela abriu um sorriso, soltou a fumaça e ergueu o indicador.

— Essa música realmente não é ruim. — Estendeu o baseado para Sérgio e tirou primeiro o colar de pérolas, que deixou sobre a mesinha, depois a calça *jeans* apertada, que deixou no braço do sofá. — Ele é lindo e fala alemão.

Sérgio aspirou a fumaça e voltou os olhos para a tv, os competidores se debruçando sobre suas invenções, em busca de aprovação e um prêmio em

dinheiro. Soltou a fumaça.

— O sexo foi incrível?

Joyce pôs a mão sobre o peito, um gesto simulado de afronta. Sorriu ao se recostar novamente no sofá.

— O sexo foi incrível. E antes teve um flerte delícia, uma conversa delícia. Ele fala alemão! Quase desenferrujei o meu.

Sérgio trouxe novamente e logo aproveitava os primeiros minutos do efeito da maconha, os melhores, quando o corpo fica leve e a mente ainda não domina, quando tudo se resume a um movimento leve em direção à superfície. Fechou os olhos, deixando que a música fosse o único laço com o mundo exterior. *Seems like street lights glowin, happen to be just like moments passin.* Era bom deixar de ter um corpo, deixar de ter consciência, ser apenas algo que flutua, sem peso. Os primeiros cinco minutos.

Quando abriu os olhos, Joyce o fitava.

Ela havia tirado também a blusa e parecia ter saído de uma publicidade de lingerie para mulheres que não desejam apenas ser objeto de desejo, uma publicidade de lingerie que não existe. Pernas abertas, olhar carregado de afeto, meio mãe, meio moleque. Aceitou o baseado que ele devolveu. Sorriu.

Ele sorriu para acompanhá-la. Ainda sem peso, só algo que oscila no ritmo da música. *I'm just not there in the streets, I'm just not there.* Os primeiros minutos, depois dos quais era uma incógnita.

— Você fica bem de sutiã vermelho.

— É porque você ainda não me viu sem.

Ela riu.

Ele riu para acompanhá-la.

— Não é verdade.

— Não, não é verdade. Pouquíssima coisa é verdade. — Ela deixou o baseado na borda do cinzeiro verde. — Graças a Deus.

Ele passou a mão na cabeça, ficou alisando o cabelo curto em círculos irregulares.

— Mas é verdade que você fica bem sem sutiã vermelho. — Ele piscou para ela. — O moço elogiou?

— Só viu com as mãos. Umas mãos lindas. Transamos no escuro, nem sei

por quê.

Os dois se voltaram para a tela da televisão, onde um dos concorrentes estava prestes a se tornar o vencedor do desafio daquele dia e outro estava prestes a ser eliminado. Um pouco de comemoração, um pouco de choro, depois publicidade, depois um programa onde tatuadores buscavam aprovação e um prêmio em dinheiro. Sérgio ainda alisava o cabelo curto em círculos irregulares, mas era como se a sensação estivesse gasta e ele apenas procurasse por ela. Então um pensamento ruim se insinuou em sua mente, e ele sentiu o alarme: passados os primeiros cinco minutos, não era nunca a incógnita que ele fingia esperar. Passados os primeiros cinco minutos, era a pedreira, uma luta contra os outros minutos, a eternidade do depois, o debater de pensamentos ruins se atropelando, era o espelho que o denunciava.

Sérgio despregou os olhos da televisão e fitou a ponta do baseado no cinzeiro verde, sobre a mesinha de centro, onde Joyce tamborilava os dedos. Olhou para ela, a possível salvação, o outro que podia arrancá-lo de si mesmo.

— Me diz que a vida é possível?

— É possível. Mas pouco provável.

Ela riu, porque não acreditava nisso.

Ele não a acompanhou.

Ela o encarou, meio mãe, meio moleque.

— Você está precisando trepar.

— Eu trepei.

— Quando? — perguntou Joyce.

— Agora à noite.

Ela se dirigiu à caixinha do iPod, interrompeu o hip-hop. Botou para tocar jazz, que pareceu encher a sala devagar, como água subindo num reservatório, centímetro a centímetro.

— Ele falava alemão?

— Com dificuldade, o português.

Joyce se acomodou novamente no sofá. Acendeu um cigarro.

— A conversa não rolou?

— A conversa foi ótima. Quando perguntei “você gosta dos irmãos

Coen?”, ele perguntou “irmãos o quê?” Achei que corria o risco de me apaixonar.

Joyce o encarou.

— Você está mentindo.

Sérgio tomou o que restava do vinho.

— Estou.

Ela puxou os joelhos contra o peito, parecia uma menina de cinco anos, animada.

— Você gostou!

Sérgio não respondeu.

Pensou no rapaz, na chegada um pouco constrangida do rapaz, as mãos que pareciam lhe sobrar, com as quais ele não sabia o que fazer, o olhar que não se prendia em Sérgio, que o buscava e o abandonava com a mesma velocidade, a insegurança que ele não havia revelado durante a conversa insolitamente longa e abrangente, primeiro pelo Aplicativo, depois pelo WhatsApp, uma conversa que de algum modo incluiu séries televisivas, teatro experimental e posições políticas, em vez de posições sexuais, as perguntas de Sérgio respondidas de pronto, as respostas do rapaz surpreendendo fosse pelo humor fosse pela sinceridade.

Sérgio lhe ofereceu água, ele aceitou. Sérgio acompanhou o copo d'água com um beijo que ele retribuiu devagar. Sérgio desabotoou a camisa dele, abriu a calça dele, puxou-o para o sofá, passou a mão no corpo dele, o corpo bem-feito dele, o corpo que não parecia pronto para aquilo, que não respondia ou respondia a seu modo, quase crispado. Como um cego, Sérgio tocou o corpo contraído, a pele arrepiada dele.

Joyce o fitava.

— Não é incrível que nós dois tenhamos conhecido caras bacanas no mesmo dia?

— A vida real consegue fazer coisas bastante inverossímeis.

Ela se levantou e novamente dirigiu-se à caixinha do iPod. Aumentou o som e arriscou uns passos de dança pelo tapete, o brilho oscilante da televisão ora vestindo ora despindo o corpo seminu.

— Essa música me dá vontade de ser etérea.

Sérgio correu o dedo pela borda da taça vazia, o pensamento no rapaz, o

momento em que tocava o corpo contraído dele, a pele arrepiada dele, Sérgio avançando como um cego, as mãos urgentes, quase debruçado sobre ele no sofá, alheio à sua falta de resposta até o momento em que já não era possível continuar alheio: a pele arrepiada de frio ou medo, a imobilidade continuada.

Sérgio perguntou: Está tudo bem?

Ele pediu: Podemos ir com calma?

Sérgio congelou.

Primeiro o corpo, depois a mente, que pareceu se esvaziar de todo antes de formar um único pensamento que se cristalizou rápido tomando conta dela, o pensamento que era um medo: que a calma solicitada pelo rapaz destruísse a libido, que a conversa estragasse a trepada.

O rapaz tomou a imobilidade de Sérgio por anuência, abriu um sorriso ainda incerto que era a materialização de um suspiro aliviado, como se pudesse afinal respirar depois do investimento de Sérgio, a camisa desabotoada, a calça aberta, o cabelo em desalinho, um sorriso que era o reconhecimento da trégua. Ajeitou-se no sofá e encarou Sérgio um pouco como se pedisse desculpa, um pouco como se tivesse ganho um argumento.

No silêncio, Sérgio não notou que o aparelho de som se mantinha mudo. Estudou o cabelo castanho do rapaz, os olhos castanhos do rapaz, a pele muito branca, os poucos pelos do peito que ele agora escondia abotoando a camisa com seu sorriso de trégua, estudou os antebraços bem-feitos, as mãos bem-feitas, estudou as pernas entreabertas que por ora guardavam a promessa de ser bem-feitas, mas em sua mente havia apenas o medo cristalizado da trepada perdida, o medo de que qualquer informação nova sobre aquele rapaz pudesse ser excessiva, de que o momento se perdesse para sempre.

— Meu sonho era ser uma mulher vivida — dizia Joyce agora, diante do espelho.

Sérgio a encarou, mas era como se a olhasse de muito longe.

— Sei.

Ela continuou fitando seu reflexo. Jogou o cabelo para trás no gesto que virara hábito.

— Não vivi grande coisa, mas a bebida e as drogas me deram pelo menos

isso: a aparência de quem viveu.

Sérgio sacudiu a cabeça.

— Não é verdade.

— Claro que não. Nem isso me deram. As ingratas. — Ela se jogou novamente no sofá, abandonada de pose. — Amanda diz que sou alcoólatra, mas não sou alcoólatra. Tenho um problema com álcool.

Ela riu, ele a acompanhou.

— Você bebe socialmente.

— Bebo funcionalmente.

— E parou com as drogas pesadas faz anos.

— Séculos. Ai, que saudade do N.A.

Sérgio desviou os olhos.

— Você não precisava do N.A.

— Mas tinha homens maravilhosos. Grandes perdedores, uns fracassados incríveis. — Ela se deteve, pareceu refletir estudando as unhas da mão direita. — Eles eram como eu, mas com aquela fragilidade mais difícil dos homens, a fragilidade de quem, pra trepar, depende de uma ereção. — Deteve-se novamente, as unhas da mão direita ainda sob avaliação. — E como não amar os homens com essa fragilidade? Ainda mais eu, que nasci com vocação para Madre Teresa.

Sérgio estendeu o braço na direção dela, sem alcançá-la.

— E o de hoje falava alemão.

Ela se iluminou.

— Sim! E era lindo — disse ela, agora aparentemente hipnotizada pelas unhas, analisando-as como se fossem uma novidade. — Tinha costeletas maravilhosas. E 47 anos muitíssimos bem vividos. Mas o que eu mais gostei...

Joyce se deteve novamente, os olhos vidrados nas unhas, absorta pela novidade invisível. Alguns segundos se passaram, arrastados, segundos durante os quais Sérgio deu por perdida a continuação da frase, mas logo ela piscava os olhos e sacudia a cabeça, como se saísse de um transe. Endireitou-se no sofá e prosseguiu:

— O que eu mais gostei foi da aliança.

Ela riu, ele a acompanhou.

Ela se virou para ele.

— O seu moço tinha quantos anos?

— Um pouco menos. De trinta.

— Um jovem.

— Vinte anos exatos a menos do que eu.

— Ai, 24 é tão pouco. É um problema.

Sérgio encolheu os ombros.

— É sempre um problema.

Ela voltou os olhos para a televisão, onde um dos tatuadores concorrentes estava prestes a ser decretado o vencedor do desafio daquele dia e outro estava prestes a ser eliminado. Sérgio acompanhou o olhar dela, e ambos ficaram assistindo: um pouco de comemoração, um pouco de choro. A tatuadora eliminada disse que aquele não era seu fim, era apenas o começo. Como se aguardasse sua deixa, Joyce se virou para ele.

— O problema das pessoas de vinte anos é que elas querem tudo. O problema das pessoas de quarenta é que já desistiram.

Ele não respondeu, apenas a encarou com uma seriedade que ela achou melhor evitar.

— Não fica assim, meu lindo. Até Jesus disse “Vinde a mim as criancinhas”.

Ele sorriu, ela o acompanhou.

Ele pensou no rapaz, o momento que se seguiu ao medo de súbito cristalizado da trepada perdida, quando os dois engataram afinal uma conversa, no começo como se tateassem, depois com uma facilidade que fez Sérgio, senão esquecer o medo da trepada perdida, pelo menos conferir a esse medo uma importância menor, a própria trepada talvez perdida um problema pequeno, a conversa se desenrolando surpreendentemente com algo próximo ao prazer enquanto Sérgio observava os braços bem-feitos do rapaz, as pernas com a promessa de ser bem-feitas do rapaz.

Ele olhou para Joyce.

— Os jovens têm a pele, né? A pele dos jovens.

— A melhor coisa que os jovens têm é o futuro.

Sérgio pensou no momento em que, conversa já engatada e desenrolando-se com algo próximo ao prazer, ele se prendeu nos olhos

castanhos do rapaz e parou de ouvi-lo, porque em sua mente só havia a surpresa do reconhecimento de sua própria postura no começo da noite, a fome com que havia recebido o rapaz, desabotoando-lhe a camisa, abrindo-lhe a calça, puxando-o para o sofá, o gesto mecânico, a água acompanhada de um beijo, a camisa desabotoada, a calça aberta, o deslocamento para o sofá, a mão em seu corpo, a cabeça concentrada em continuar, como se seguisse uma flecha ou como se fosse ela própria a flecha, porque a flecha não questiona o trajeto, apenas avança segundo a imposição do arco.

Olhou para Joyce, que assistia atentamente a um comercial.

— Você ainda se surpreende consigo mesma?

— Nunca — respondeu ela, os olhos grudados na tela. — Já me acostumei com minha imprevisibilidade.

O comercial chegou ao fim. Joyce voltou os olhos para Sérgio.

— Mas me fala da pele do seu jovem.

Ele riu, ela o acompanhou.

Ele revirou os olhos, não com indiferença, mas como subterfúgio para buscar na memória a recordação da pele do rapaz.

— Ah, tem o viço, né? — Ele se deteve, como se saboreando a lembrança.
— E ele era lisinho.

— Isso é bom?

— Pode ser ótimo.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu gosto de pelo.

— Pelo pode ser ótimo.

— Eu gosto de homem — insistiu ela.

— Nessa estamos juntos.

— E às vezes de mulher.

— Nessa, não.

Ela riu, ele a acompanhou.

Ela se levantou e avançou na direção do espelho, mas, como se de repente mudasse de ideia, parou diante do aquário e ficou observando os peixes, a areia colorida, o escafandrista soltando bolhas, ficou observando o movimento dos peixes sob a iluminação high-tech do aquário, os olhos vidrados em seu deslocamento pela água, vidrados como minutos antes

havam estado diante das unhas.

— Não dizem que a memória deles dura quinze segundos?

— Está se identificando?

Ela se virou para ele, fulminando-o com os olhos. Abriu um sorriso.

— As drogas, ingratas. — Virou-se novamente para o aquário, os olhos mais uma vez presos ao movimento dos peixes. — Mas acho uma vantagem ter pouca memória: estou sempre me admirando com as mesmas notícias.

— Admirar-se pode ser ótimo.

— Uma voltinha no aquário e “Meu Deus, um escafandrista soltando bolhas!”

Ele riu, ela o acompanhou.

Ela acendeu a luz mais próxima e se dirigiu afinal ao espelho, diante do qual se postou simulando surpresa.

— Meu Deus, uma mulher seminua sem um homem que a abrace!

Sérgio não riu.

Pensava mais uma vez no rapaz, nos olhos castanhos do rapaz, aos quais havia se prendido deixando de ouvi-lo quando reconheceu sua própria postura no começo da noite, sua busca cega de muitos tentáculos que apreciava mas não apreciava o corpo bem-feito dele, que era apenas a execução de seu trajeto de flecha, atento e indiferente ao rapaz que era um rapaz qualquer, que podia ser qualquer rapaz, o rapaz que era apenas uma circunstância para sua direção cênica, a água acompanhada de um beijo, camisa desabotoada, calça aberta, deslocamento para o sofá, a dança de passinhos marcados, o piloto automático.

Sérgio pensou no momento em que reconheceu ter um *modus operandi*. Muito claramente, sempre preso aos olhos castanhos do rapaz, que falava sem ser ouvido, ele pensou: Eu tenho um *modus operandi*.

Depois pensou: Foda-se.

E riu sozinho, sem ter quem o acompanhasse.

Mas riu por dentro, sem deixar transparecer a matemática mental que se efetuava enquanto ouvia sem ouvir, preso aos olhos castanhos do rapaz. E, porque depois do “Foda-se” tudo é zerado, voltou afinal a ouvi-lo, como se o monólogo mudo do rapaz fosse aos poucos ganhando materialidade, primeiro as palavras abrindo espaço, sem contexto, depois o contexto

subindo à tona, a ponto de ele poder restaurar o diálogo e contribuir e gostar do que ouvia.

Sérgio pensou naquela conversa inusitada que de algum modo se enveredara para o cinema, o momento em que citou os irmãos Coen, de quem nem gostava especialmente, e o rapaz soube fazer um comentário oportuno, pensou no momento em que citou Tarantino, de quem gostava especialmente, e o rapaz soube fazer um comentário oportuno, pensou nas citações do próprio rapaz, que haviam sido muitas, uma conversa recheada de referências pop, mas também uma conversa que incluiu a vida rasteira de cada um, pequenos prazeres como dirigir “quando não tem trânsito”, e pequenos desprazeres como os gestos repetidos, pequenas confissões sobre o que era desimportante e aproximações tangenciais ao que não era, um pouco de presente, um pouco de passado, o último relacionamento do rapaz, um casamento de dois anos que havia acabado fazia alguns meses (daí talvez aquele descabido “Podemos ir com calma?”), e o olhar seguro dele quando falou sobre o *dégradé* desses dois anos:

— O que ferrou a gente foi o que ferra todo mundo.

Sérgio se lembrou do momento em que, preso aos olhos castanhos do rapaz e ouvindo atentamente o que ele dizia, percebeu que gostava. O momento em que se deu conta de que ouvir todas aquelas novas informações sobre o rapaz não havia eliminado seu desejo e que em algum nível ele continuava excitado. O momento em que se deu conta de que estava aceso, de que a voltagem era alta e de que podia se queimar.

— Preciso retocar o cabelo — disse Joyce, ainda postada diante do espelho.

Sérgio se virou para ela.

— Estou precisando cortar.

— Vamos juntos, meu salão é incrível! — animou-se ela.

— Sou fiel ao Antônio.

— Você não é fiel nem a si mesmo.

— Verdades a essa hora da madrugada?

Ela riu, ele a acompanhou.

— Mas você nem gosta desse cabeleireiro horroroso — insistiu Joyce. — Sempre chega em casa precisando terminar o serviço.

— Ele não é cabeleireiro, é barbeiro — disse Sérgio, como quem admite uma falha. — Mas ele não puxa assunto. Tem preço isso?

Joyce não respondeu, limitando-se a examinar mais de perto a raiz dos cabelos, depois se afastou novamente do espelho, novamente parando de frente para o aquário, o escafandrista soltando bolhas, o deslocamento dos peixes pela água.

— Não sei se gosto de ficar olhando para eles.

— Então para de olhar.

Ela parecia falar consigo própria:

— Talvez eu goste. Mas, se eu gostar, é algo um pouco masoquista.

Sérgio a estudou, parada ali com assombro, mais uma vez observando de olhos vidrados o movimento dos peixes sob a iluminação high-tech do aquário, sob a iluminação high-tech do apartamento. Sentiu uma espécie de ternura por ela, o abandono da postura, o espanto diante daquilo. Desejou estabelecer uma ponte qualquer que a resgatasse daquele lugar de desconforto, uma ponte salva-vidas. Sem convicção, perguntou:

— Como se calcularia isso de que a memória deles dura quinze segundos?

Ela mantinha os olhos vidrados no aquário, mantinha o estado de atordoamento que parecia deixar tudo o mais em suspenso, o estado de atordoamento em que só cabia o deslocamento dos peixes pela água.

— É verdade — assentiu, afinal. — Só pode ser lenda. Assim como boitatá. E mulher estritamente heterossexual.

Ela se virou para ele.

Ele riu, ela o acompanhou.

Sentou-se novamente no sofá e acendeu a pontinha do baseado que estava no cinzeiro verde, os olhos voltando-se mais uma vez para a televisão, onde uma atriz americana muito jovem explicava que escolhia suas roupas pelo conforto. Tragou a fumaça, prendeu-a com a fisionomia de quem reflete sobre algo muito importante, pegou o controle remoto e mudou de canal.

Sérgio pensou no rapaz, no momento em que a conversa pareceu naturalmente abrir um hiato durante o qual eles se olharam com o reconhecimento do desejo, e houve um beijo que levou naturalmente à camisa mais uma vez desabotoada e à calça mais uma vez aberta, o que por

um instante fez Sérgio pensar se estaria agindo segundo seu *modus operandi*, mas com a mesma rapidez que se permitiu imaginar isso tratou de abandonar o pensamento, preferindo adiá-lo ou esquecê-lo, dedicando sua atenção exclusivamente ao que acontecia agora que a camisa estava desabotoada e a calça estava aberta.

Sérgio pensou no corpo bem-feito do rapaz, no cheiro de sabonete da pele do rapaz, pensou no longo tempo que eles passaram apenas se beijando depois da camisa desabotoada e da calça aberta, algo que divergia de seu *modus operandi*, porque depois de um breve intervalo no sofá vinha a cama, o sofá apenas uma escala antes do destino final. Mas, naquele instante, Sérgio também não pensou nisso, decidido a adiar ou esquecer.

Na cama, era o ritmo do rapaz. Pelo menos no começo. Porque também havia o cheiro de sabonete da pele do rapaz e seu corpo bem-feito, e a certa altura Sérgio se viu incitado a impor seu próprio ritmo, ou talvez o ritmo de seu *modus operandi*, o que talvez desse no mesmo. E a partir desse instante passou muito claramente a dobrar o ritmo do rapaz, quase egoísta, mas também de algum modo ciente de que não saberia fazer diferente. E foi com certa surpresa que notou que o rapaz gostava.

E foi bom.

Foi bom como costumava ser.

Porque costumava ser bom.

E depois houve aqueles segundos que nunca chegavam a completar um minuto, durante os quais Sérgio apertava rapidamente o braço do parceiro e fitava o teto, geralmente arfante, a respiração mais ou menos difícil, dependendo do tempo transcorrido e do esforço feito, segundos depois dos quais ele propunha um banho, impelindo o parceiro ao boxe, mas não entrando ali ele próprio, usando a desculpa de buscar uma toalha para se manter afastado, geralmente na cozinha, bebendo água, e nesse dia não foi diferente.

Quando Sérgio voltou ao banheiro, com a toalha, o rapaz o fitou do boxe com olhos que aparentemente não traziam nenhuma reprovação, olhos que manifestavam apenas curiosidade. Banho terminado, fechou a torneira e aceitou a toalha com um “Obrigado” que era mais a formação da palavra na boca do que som propriamente dito, um “Obrigado” para surdos. Enxugou-

se de leve no boxe e pisou no tapete, abrindo passagem para Sérgio, que até então o observava de sua marcação, junto à pia, e agora passava por ele meio se esquivando, mas esquivando-se com uma ponta de carinho engessado: apertando novamente seu braço.

Sérgio apontou para a pia, indicando o desodorante. E o rapaz sorriu, aceitando. E puxou assunto. Mas não foi nem a continuação do que havia sido — Tarantino, passado, presente — nem o que geralmente se seguia. Foi uma curiosidade:

— Sabe que não gosto de transar debaixo de chuveiro?

E por ser uma curiosidade, por ser inusitado e talvez um limite que o rapaz tinha, Sérgio o fitou com interesse, já debaixo do chuveiro, do outro lado do vidro.

Com interesse, pensou quase arrependido que poderia ter entrado no boxe enquanto o rapaz tomava banho e procurado seu corpo bem-feito, ensaboando-o, beijando-o, estimulando-o a ponto de obrigá-lo a transpor seu limite, ele que sempre gostava de obrigar o outro a transpor seus limites. Mas, se tivesse entrado no boxe e procurado o corpo bem-feito do rapaz, estaria ele próprio transpondo um limite seu, porque depois do sexo ele nunca queria mais sexo. Depois do sexo ele queria que o parceiro tivesse a decência de desaparecer. Que virasse um pavê. Uma samambaia-chorona.

— Por que não? — perguntou, ainda fitando o rapaz do outro lado do vidro. — Por que você não gosta de transar debaixo do chuveiro?

O rapaz pegou o desodorante sobre a pia e passou-o displicente, com uma sensualidade espontânea que, talvez por ser tão espontânea, quase fugia à palavra “sensualidade”.

— Fico pensando no desperdício de água.

Ele riu, Sérgio o acompanhou.

— Sério?

— Seriíssimo.

Com os gestos repetidos do banho, Sérgio se ensaboava debaixo da água quente, talvez quente demais, a temperatura não apenas relaxando seu corpo mas indo além, mitigando-o. De vez em quando, olhava para o rapaz do outro lado do vidro agora embaçado, observando-o analisar a própria

imagem no espelho, observando-o voltar os olhos para o vidro embaçado, dissimuladamente. Ou não: o vidro embaçado não lhe permitindo assegurar — em realidade, não lhe permitindo assegurar nem sequer se o rapaz tinha de fato os olhos voltados para o boxe. Mas, de qualquer forma, Sérgio encolhia a barriga e contraía os músculos, oferecendo seu melhor ângulo.

Com os gestos repetidos do banho, passava xampu na cabeça enquanto pensava naquele comentário que era uma curiosidade: o desconforto com sexo debaixo do chuveiro, por causa do desperdício de água. Pensava se o comentário aparentemente surgido do nada teria advindo de uma dedução do rapaz, depois do tempo artificial que Sérgio levava para buscar a toalha, tempo que sugeria em si um motivo anterior, um motivo por trás. Enquanto volta e meia olhava o rapaz do outro lado do vidro embaçado, sem conseguir exatamente vê-lo e por isso sem saber se o rapaz o olhava, Sérgio pensou que, durante aquele tempo artificial, o rapaz talvez tivesse imaginado que ele, Sérgio, também não gostava de transar debaixo do chuveiro, quem sabe também por causa do desperdício de água, e talvez por isso tivesse feito o comentário, que de outro modo parecia surgido do nada, e pensou que talvez o comentário tivesse sido um recurso empregado pelo rapaz para estabelecer uma ligação com ele: o desconforto com algo, talvez a resistência por uma causa.

— Você gosta de transar no chuveiro? — perguntou Sérgio, quase surpreso com a própria voz, à Joyce, que continuava sentada no sofá, a ponta do baseado agora apagada entre os dedos, olhos grudados na televisão, onde jogadores de rúgbi jogavam rúgbi.

Ela virou a cabeça de leve na direção dele, mantendo os olhos presos na tela, numa tentativa de dividir sua atenção.

— O quê?

Sérgio observou os jogadores, ao mesmo tempo másculos e infantis.

— Você deixaria de transar debaixo do chuveiro por causa do desperdício de água?

Joyce despregou os olhos da tela e o encarou.

— Na hora do meu gozo, quero que o planeta se foda.

Ele riu, ela o acompanhou.

Ela se sentou de frente para ele.

— Por quê? — perguntou, devolvendo a ponta do baseado ao cinzeiro verde. — O seu lisinho de 24 anos é militante por um mundo sustentável?

— Talvez.

Ela jogou o cabelo para trás, o gesto que agora era hábito.

— Ai, os jovens...

— Isso não tem nada a ver com juventude.

— Não.

— E idade é coisa de cabeça.

— Rá!

— Disse a senhora de 92 anos antes do último suspiro.

Ela riu, ele a acompanhou.

Ela se levantou, espreguiçando-se. Avançou mais uma vez na direção do espelho, sob a luz high-tech do apartamento. Avaliou sua imagem, passando os dedos nas maçãs do rosto, esticando-as de leve, num arremedo de massagem.

— Você não vai para a cama?

Ele demorou alguns segundos para responder:

— Está ocupada.

Ela demorou alguns segundos para entender.

Fitou-o com o que podia ser assombro, mas também malícia.

— O seu jovem adormeceu.

— E só desperta com um beijo apaixonado.

— Vai lá, acorda a princesa e bota ela pra correr, que a segunda-feira chegou.

— Como, sem o beijo apaixonado?

Ela o encarou, descansando a mão no quadril.

— Hoje em dia, basta uma sacudidela e as princesas acordam. No susto.

Ele riu, ela o acompanhou.

Ele voltou os olhos para a televisão, onde os jogadores de rúgbi jogavam rúgbi. Ela continuava o encarando, a mão apoiada no quadril.

— Você vai dormir no sofá enquanto a princesa ronca na sua cama? Ou prefere dormir de conchinha comigo?

— Rá! Olha que adoro dormir de conchinha.

— Então abraça a princesa.

*image
not
available*

*image
not
available*

resposta, alguns minutos depois: a recusa que não tinha nenhuma intenção de mostrar a ele que ela era uma mulher difícil — Joyce sempre seguia fielmente seu desejo, como o cachorro a quem não ocorre largar o dono. A recusa que, portanto, não tinha motivo. Era apenas a resposta certa para aquele dia.

Hipnotizada pelo cabelo vermelho irretocável, lembrou-se da atitude quase simultânea de telefonar para Sérgio propondo um filme para aquela noite, só os dois, em casa, pipoca de micro-ondas e guaraná zero, edredom e incenso de sândalo para assistir a qualquer um dos trinta filmes que ela havia baixado no último mês, ele podia escolher.

Lembrou-se de quanto ficara feliz com a resposta afirmativa dele.

“Sim” é sempre uma alegria.

Mas a porta fechada do quarto de Sérgio significava uma interdição e ela respeitava interdições, embora quase sempre as respeitasse irritada.

Hoje, não.

Hoje era apenas aquela angústia, a sensação pegajosa de desperdício que a acompanhava desde o salão, quando a recusa para o convite de Hans passara a deixá-la cada vez mais aflita, porque houvera prazer no instante em que ela recebeu a mensagem dele e houvera prazer em ler aquele convite para o encontro no restaurante do hotelzinho que ele garantia ser uma delícia. Porque ela gostava de sexo e tinha certeza de que repeti-lo seria bom.

Levantou-se do sofá e se dirigiu à janela, em busca da lua cheia que admirara ao emergir da estação do metrô, mas no retângulo de céu que os prédios da rua lhe permitiam ver não havia nem sinal de que era noite de lua cheia. Não havia sinal de que era noite.

Joyce acendia o incenso de sândalo no canto da sala quando Sérgio surgiu de seu quarto com um rapaz, os dois de cabelo molhado, Sérgio com uma camiseta que usava para ficar em casa, o rapaz com um sorriso constrangido, embora houvesse ali também uma ponta do que poderia ser ousadia, a ousadia de uma afirmação, quem sabe.

Sérgio fez rapidamente as apresentações, enquanto Joyce avaliava aquele rapaz muito jovem para possíveis futuros comentários, observando seu rosto, a voz, a bermuda cáqui e a camiseta divertida, tudo que lhe era

*image
not
available*

*image
not
available*

— Escravizaria.

Ele riu, ela o acompanhou.

Ele olhou para o celular, largado sobre o braço da poltrona, com a tela escura, mudo, o celular que não acusava o recebimento de uma nova mensagem de Vinicius embora Vinicius estivesse on-line, conversando com alguém que podia ser sua mãe, um colega de trabalho, um amigo distante ou uma foda futura, uma foda corrente, o amor de sua vida.

Perguntou:

— Que filme nós vamos ver?

Joyce pegou o laptop sobre a mesinha de centro e abriu a pasta onde se achavam os trinta filmes que havia baixado naquele mês. Com o gesto seguro de uma secretária eficiente, estendeu o computador para Sérgio, que se pôs a ler os nomes dos filmes desconhecidos, um a um, como se não fossem filmes desconhecidos ou como se, pelo nome, pudessem deixar de ser.

Muito nítido, Sérgio ouviu o celular vibrar e desviou o olhar da tela do computador, onde os nomes dos trinta filmes se acotovelavam, confundindo-se, para a tela do celular, que permanecia escura.

— É o seu — disse para Joyce, que mantinha os olhos grudados na televisão e tateou o sofá em busca da bolsa.

Contrariada, interrompeu a atenção que dedicava à luta daquele grupo de homens para salvar as focas perseguidas por outro grupo de homens, acendendo o telefone. Leu a breve mensagem, abriu um sorriso involuntário e teve muito claramente o pensamento: Quando não sinto raiva da humanidade, sinto uma compaixão terrível.

— Ah, Amanda — suspirou.

Sérgio a encarou.

— O que houve?

— Nada. — Joyce se pôs a digitar. — Quer alguém para dividir a lua.

— Rá! — Sérgio retomou a leitura dos nomes dos filmes. — E o que se responde a um lamento desses?

— “Dividir pra quê se você pode ter ela inteira pra você?”

Ele riu, ela o acompanhou.

Ela botou o telefone no modo avião e deixou-o sobre a mesinha de

*image
not
available*

mas nua sob a luz fluorescente e esverdeada de uma sala de cirurgia, uma ânsia que, deixando-se clara em excesso, deixava claro em excesso que Sérgio era apenas a possibilidade de saciação dela — Sérgio um copo d'água para a sede declarada do moço, uma tulipa de chope gelado.

Joyce se levantou do sofá, amarrando o cabelo em si mesmo, num arremedo de coque fadado a se dissolver, mas bonito enquanto durava, bonito em sua lenta dissolução. Com o gesto seguro de uma secretária eficiente, dirigiu-se à mesinha de canto e pegou na primeira gaveta um pen drive preto de muitos gigas, no qual ficou tamborilando os dedos de unhas vermelhas durante o trajeto de volta para o sofá, de súbito parando junto ao aquário, onde se demorou observando os peixes em seu deslocamento pela água. Com o gesto lânguido de uma mulher a quem jamais teriam sido ensinados gestos seguros, uma mulher que não revelava em sua postura nenhum atributo de uma secretária eficiente, jogou uma pitada de comida para os peixes, que interromperam seu deslocamento horizontal para subir à superfície.

Muito nítido, Sérgio ouviu o celular vibrar e conferiu a tela do aparelho exibindo uma falta de interesse que, em seu exagero, só podia ser o contrário dela. Mas não era Vinicius. Não era sua mãe, nem um colega de trabalho, nem um amigo distante, nem uma foda futura ou corrente: era mensagem de um grupo que ele havia se esquecido de silenciar.

Com a falta de interesse que, agora em sua medida justa, não podia ser outra coisa, Sérgio devolveu o celular ao braço da poltrona.

Ainda observando os dois peixes dourados, como num transe, Joyce disse:

- Para as relações começarem, basta o acaso.
- Otimista você.

Ela riu, abandonou a postura largada diante do aquário e retornou ao sofá, onde arrastou um filme do HD do computador para o pen drive. Ele pegou novamente o celular no braço da poltrona, contemplou a tela escura, alisando-a como à lâmpada de um gênio, e, um tanto assustado consigo mesmo, pensou que na verdade o descaso, que ele havia imaginado iniciado durante a conversa pelo Aplicativo, começara antes disso: antes que ele tivesse lido o texto do perfil do moço e visto suas fotos explícitas, antes de

*image
not
available*

TERCEIRO ATO

QUANDO CHEGOU EM CASA, às três horas da manhã, e notou que a porta do quarto de Sérgio estava aberta e a luz estava acesa, Joyce sentiu aquela ponta de alegria que sempre sentia quando a porta do quarto de Sérgio estava aberta e a luz estava acesa, a alegria que era uma espécie de arremedo de segurança, o conforto distante de saber que, em caso de incêndio, não teria de descer a escada de emergência sozinha.

Ela sorriu.

Sentou-se no sofá, tirou os sapatos de salto alto, que empurrou para debaixo da mesinha de centro, massageou um pouco os pés, depois o pescoço, abriu os botões da camisa branca e se recostou espreguiçando-se languidamente, mas não tão languidamente quando se espreguiçara duas horas antes, na cama daquele moço de olhos claros muito bonitos, porque duas horas antes ela se espreguiçava não por uma necessidade do corpo, mas para se mostrar lânguida. Para se encaixar no desejo dele, ou no que imaginava ser o desejo dele.

Joyce se deteve no ato de espreguiçar-se e fitou o teto como se acabasse de ter uma epifania.

Porque o moço de olhos claros muito bonitos, que tocava o corpo dela como um especialista em tocar corpos, a havia também incomodado ao longo daquela noite, do contrário maravilhosa, na insistência de dizer seu nome durante o sexo. Virava e mexia, Joyce. Virava e mexia, Joyce.

Porque isso pressupunha uma intimidade que eles não tinham, sentira ela na hora, mais do que pensara, e porque assim virava uma caricatura de intimidade. Ele apertando o seio esquerdo dela e aninhando o rosto em seu cabelo: Joyce. Ele se ajeitando entre as pernas dela e metendo fundo: Joyce. Era quase melhor que a chamasse de outro nome, sentira ela na hora, mais do que pensara, que a chamasse de Luiza, de Clara, de Verônica. Ou que tivesse esquecido seu nome, sentira ela na hora, mais do que pensara, ele que só conhece minha fachada, meu texto mais superficial, mais decorativo, meu humor de vitrine, meu joguinho de sedução com make-up antirreflexo, meus sininhos, meu mostruário de frases espirituosas, só a

*image
not
available*

— Que perigo.

— Ou uma bênção.

Sérgio estendeu para ela o baseado.

Joyce deu mais uma tragada demorada e deixou a ponta no cinzeiro verde, fitando, absorta, a televisão.

— Isso elimina de cara a autoanálise que eu seria obrigada a fazer, daqui a dois dias, quando não quisesse reencontrá-lo.

Sérgio não riu.

Não disse nada, apenas ficou olhando-a largada no sofá com aquela sensualidade que parecia posada para algum vizinho do prédio da frente. No rastro do silêncio súbito, Joyce despregou os olhos da televisão, alongando-os na direção de Sérgio.

— Já dei guarita para muito homem em apuros. Já tive meu rebanho de ovelhas perdidas. Todas viraram lobo.

Sérgio abriu um arremedo distante de sorriso e voltou os olhos para a televisão, onde o super-herói continuava sendo vilipendiado pela opinião pública. Joyce acompanhou o olhar dele, de pronto ganhando aquele ar absorto diante da tela.

— Enfim, defeito nenhum — disse, sem piscar os olhos já vidrados. — Recém-separado, o que impossibilita qualquer coisa além do que já foi. O máximo que se pode conseguir em termos de perfeição.

Ele sorriu, ela o acompanhou.

Ele apoiou os pés na mesinha de centro e abriu as mãos diante dos olhos, observando-as, primeiro as palmas, depois o dorso. Recostou a cabeça, fechou e abriu os olhos. Virou-se novamente para Joyce, uma vontade de instaurar o diálogo que fosse.

— A palavra é... — Ele se deteve, meditativo. — “Fantasia”.

Ela desgrudou os olhos da televisão e o encarou, a cabeça levemente inclinada.

— Fantasia? — Endireitou-se no sofá. — Uma varanda no campo, rede, canto de passarinho, cheiro de mato e chuva, que já passou, o sol se abrindo, o dia quente. E três negões maravilhosos. De paus enormes. Mas veados. Passivos. Eu olhando de um quartinho com ar-condicionado, dentro da casa. Gosto só pelo desperdício geral.

*image
not
available*

saber se devia virar o rosto para Vinicius até que ele também virasse o rosto, e aí um beijo, quem sabe, ou se essa seria uma atitude adolescente. Com um friozinho na barriga, lembrou-se do instante em que Vinicius virou o rosto para ele até que ele também virasse o rosto, e aí o beijo, adolescente.

— O próximo passo é adotar uma menina chinesa? — perguntou Joyce.

— Concordamos que um dachshund seria melhor.

Ela riu, ele a acompanhou.

Com um friozinho na barriga, pensou no jantar que se seguiu ao filme, a conversa que fluía tão naturalmente entre eles, mesmo quando havia desencontro de repertório, Vinicius falando sobre filmes de animação, algo que nunca interessara a Sérgio, mas que agora ele se sentia impelido a investigar, por causa do entusiasmo de Vinicius; Vinicius falando sobre festas que aconteciam em locais inusitados com a intenção de ocupar a cidade, acendendo com seu entusiasmo uma vontadezinha em Sérgio de conferi-las, Sérgio que não frequentava festas havia tempo.

— Encontro sem sexo é perigoso — disse Joyce, com um sorriso que se pretendia zombeteiro.

Sérgio olhava os surfistas na televisão, sentia ainda o rosto quente, o spot.

— Fúcsia! — exclamou.

Joyce franziu a testa.

Ele indicou a tela.

— Eu estava querendo lembrar o nome dessa cor.

Ela avaliou o surfista.

— Que belo espécime.

— Meu consolo é saber que deve ter muito erro de português no Facebook dele.

Ela riu, ele a acompanhou.

Com um friozinho na barriga, pensou na sensação que havia tido durante o jantar, de que a companhia de Vinicius transformava aquele lugar no lugar certo. O olhar de Vinicius sobre ele, o joelho de Vinicius tocando seu joelho debaixo da mesa, os braços lisinhos de Vinicius se agitando para dar conta de seu entusiasmo pelos filmes de animação, pelas festas que

*image
not
available*

II | CINEMA

*image
not
available*

certeza. E por isso eu já pensava, naqueles dias, no primeiro passo a ser dado depois de receber a notícia, aquela notícia quente sobre mim mesmo. E o primeiro passo era escrever para Antônio, meu grande amigo Antônio, que morava no exterior e que havia quinze anos convivia com a doença e estava bem. E não estava.

O FILME É NOSSO, PORÉM.

Sérgio escreveu para Antônio de súbito, o texto rapidamente enviado como um desabafo, um pedido de socorro ou antes uma afirmação para si mesmo, como quem busca ajuda num grupo de apoio e precisa admitir o mal para si mesmo: meu nome é Sérgio e sou alcoólatra. Escreveu também, embora em pequena medida — a bem dizer em tão pequena medida que mal se deixava entrever na nebulosa de sua mente, mas se entrevia —, como a solicitação de ingresso num clube, só que um clube às avessas, um clube que em realidade não exigia solicitação, um clube compulsório formado por párias. Escreveu como quem diz Demorei mas vim, sou um dos seus, para deixá-lo menos só, para deixar o clube mais forte. Uma perversão que mal se deixava entrever na nebulosa de sua mente, mas se entrevia.

Antônio, sendo Antônio, recebeu-o com adequação na fraternidade, dispondo-se a responder a suas perguntas e tranquilizá-lo, a estar ali por ele, do outro lado do mundo, sim, mas ali todavia, na realidade virtual do Messenger, na hora que fosse, ou a vida permitisse, para responder a suas perguntas e tranquilizá-lo: que sim, depois do baque e de todos os sentimentos que o baque despertava, a vida continuaria igual, salvo algumas pequenas mudanças que a cada dia se tornariam mais despercebidas, absorvidas pelo costume — e aqui Sérgio não pôde deixar de se lembrar de que o homem tem a capacidade terrível e conveniente de se acostumar a tudo.

No silêncio que se seguiu, ainda que a distância, na realidade virtual do Messenger, Antônio, sendo Antônio, deduziu com adequação a origem da apreensão de Sérgio. Porque Antônio estava bem, e isso era uma verdade incontestável, e não estava.

Nos quinze anos desde que fora diagnosticado com a doença, Antônio mantinha a imunidade suficientemente alta para não ser acometido por

*image
not
available*

pensou que podia ter levado o iPod para se distrair, a música baixa que o arrancaria daquela realidade mesmo que para jogá-lo de volta à sala de casa com sua parede branca, mas chegou à conclusão de que, ainda que tivesse levado o iPod, certamente não o ligaria. Havia revistas de celebridades numa mesinha próxima, e ele geralmente era capaz de se entreter nessas revistas, mesmo que com um sentimento de desprezo, mas decidiu afinal que, assim como não ligaria o iPod caso o tivesse levado, tampouco desejava folhear uma revista. Não, ele não queria distração daquela realidade. Queria afundar nela.

Em meio aos adultos, havia duas crianças. Seis adultos, duas crianças, uma televisão ligada num programa de variedades. Uma das crianças estava sentada ao lado da mãe, compenetrada num joguinho que soltava barulhos desagradáveis. A outra, menor, andava pela sala sob o olhar desatento dessa mesma mãe. Sérgio investigou as crianças, investigou a mãe, o tom de pele esmaecido da mãe. Investigou o homem de seus cinquenta anos que lia ou via as figuras de uma revista de celebridades, a barriga inchada do homem. Investigou o rapaz de seus trinta anos que assistia à televisão, ou pelo menos tinha os olhos voltados para a tela, as mãos envelhecidas do rapaz. Havia uma mulher também de seus trinta anos que lia atentamente um livro de capa dura, a bolsa agarrada junto ao peito como se pudesse defendê-la de algum perigo. E, acompanhado de uma moça vestida de branco que era evidentemente sua enfermeira, havia um senhor de uns setenta anos que não fazia nada, não lia nem ouvia música ou assistia à televisão, tampouco observava a realidade daquela sala, que não parecia lhe interessar. Era como se tivesse os olhos voltados para dentro.

Sérgio investigou os pacientes um a um, relutante em aceitá-los como irmãos de calvário, mas ruminando a certeza de que ali se firmava sua entrada compulsória no clube de párias.

A secretária chamou um nome, Letícia, ela disse, sala 2B, e a mãe das duas crianças se levantou, o tom de pele esmaecido, cansaço no movimento automático de pegar a bolsa grande que se achava a seus pés. Vamos, Letícia, ela disse, dirigindo-se à menina que andava pela sala sob seu olhar desatento. E mãe e filhas subiram a escada que ficava ao lado do balcão,

*image
not
available*

entregando a ela o resultado do exame que mantivera no bolso, dobrado em mais partes do que seria necessário. Depois soltou um suspiro que era o de obrigação feita, a entrega a uma profissional excelente daquela notícia quente sobre si mesmo. Uma notícia quente que ali não era notícia quente alguma. Ali era o esperado. O rotineiro. Uma informação numerada. Mais um nome para o arquivo cinza.

A médica explicou que ele teria de fazer alguns exames, explicou que talvez precisasse dar início à medicação imediatamente, talvez não, os exames diriam.

Ele perguntou sobre aquela medicação específica, o remédio do Antônio.

Ela explicou que aquela medicação específica havia avançado muito e já não causava no corpo as transformações que causava no começo. Explicou que, de qualquer modo, não era a medicação que ele usaria.

Ele soltou um suspiro trêmulo.

Ela disse que não era o fim do mundo.

Ele a encarou buscando alguma sombra de incerteza nos olhos castanhos que o fitavam por trás das lentes dos óculos de tartaruga.

Ela disse que a vida dele mudaria muito pouco, à exceção da necessidade de uma disciplina mínima.

Ele passou a língua nos lábios secos.

Ela pediu para examiná-lo, pediu que ele se despisse, que subisse na balança, que se sentasse na mesa de consulta. Mediu sua pressão, auscultou o coração. Auscultou os pulmões. Pediu que ele se deitasse. Apertou sua barriga em diferentes locais. Dói?, perguntava. Não, ele respondia, como se desse a resposta certa, a resposta desejada. E de fato não doía. Que vitória.

Ela estudou as mãos dele, os pés.

Está ótimo, pode se vestir.

Ele se vestiu, obediente.

Os dois retornaram a suas posições iniciais, um de frente para o outro. Entre eles, a mesa sem supérfluos. A médica pegou o bloco que se achava à sua direita e escreveu o nome de Sérgio no alto do papel timbrado, nome e sobrenome, para não haver dúvida de que se tratava dele, o Sérgio marcado, e não outro. Escreveu “Sangue” e sublinhou a palavra, depois escreveu vários nomes de exames. Muitas siglas. Linhas e linhas de siglas. A

*image
not
available*

JOYCE: Pensa um pouco, estou te pedindo.

SÉRGIO: É o que tenho feito.

JOYCE: Pensa mais, dá um tempo. Deixa a poeira baixar.

SÉRGIO: Está bem.

JOYCE [*surpresa*]: Está bem?

SÉRGIO: Está bem.

JOYCE [*Volta ao sofá, senta-se ao lado dele*]: Então está bem. [*Sorri, mas há um desconforto entre os dois que faz que ela não saiba o que dizer. Na falta de opção melhor*]: Vamos pedir comida?

SÉRGIO: Vamos.

JOYCE: A sobremesa eu trouxe, espero que esteja boa.

SÉRGIO: Eu sei, nem te agradei.

JOYCE [*beijando o rosto dele, carinhosa*]: É sempre um prazer atender aos seus pedidos. Mas que vontade inusitada foi essa de torta alemã?

:

O resultado dos muitos exames solicitados pela Dra. Tereza foi antecedido por certa apreensão, mas em realidade não muita, porque em realidade Sérgio ainda não sabia que aquela primeira notícia quente sobre si mesmo não era uma notícia quente em si, uma notícia quente concluída. Era uma notícia quente em evolução.

E, por isso, na primeira vez em que levou o resultado dos muitos exames ao consultório, estranhamente aéreo e com apenas certa apreensão, Sérgio se permitiu mesmo ouvir o iPod que também tinha levado, música baixa, Chet Baker, enquanto jogava o jogo de tentar descobrir quais, dentre as pessoas que aguardavam na sala de espera, eram os pacientes da Dra. Tereza e portanto também seus irmãos de calvário.

Talvez porque andasse estranhamente aéreo (e ele sempre alegraria isso), Sérgio demorou algum tempo para, juntando inevitáveis dois mais dois, chegar afinal ao pensamento óbvio de que o infectologista não podia ser um médico que se ocupava exclusivamente de pacientes soropositivos. Foi preciso que ele corresse os olhos pela sala algumas vezes, em realidade muitas, para sentir o movimento da ficha caindo, Chet Baker com sua